

RAP É COMPROMISSO NÃO É VIAGEM: UMA ANÁLISE DO MOVIMENTO HIP HOP EM TRÊS LAGOAS-MS

Denis Vitor de Souza Vilela
Profa Dra Patrícia Helena Milani

- () Resumo expandido
- (X) Projeto de pesquisa
- () Relato de experiência

EIXO TEMÁTICO

- () Dinâmica Ambiental e Planejamento
- (X) Dinâmicas Territoriais na Cidade e no Campo
- () Ensino de Geografia, Educação Ambiental e Práticas Pedagógicas

1) INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Com essa pesquisa pretendemos analisar o movimento hip-hop com ênfase no rap e como esse movimento integra o processo de produção do espaço urbano bem como no modo de vida de alguns sujeitos sociais na cidade. Com isso, colocamos em pauta debates como a segurança, a marginalização de alguns movimentos culturais e a ocupação dos espaços (sobretudo espaços públicos) por parte desses movimentos.

O rap é um discurso rítmico com rimas e poesias, que surgiu no final do século XX entre as comunidades afro-descendentes nos Estados Unidos. É um dos quatro pilares fundamentais da cultura hip hop, de modo que se chame metonimicamente hip hop. Este por sua vez, é um movimento social artístico que se baseia em quatro elementos culturais, que são: o rap (ritmo e poesia), os grafites (assinaturas), os Dj's e Mc's e o Street Dance.

A escolha por este objeto de pesquisa, para o desenvolvimento de uma monografia de conclusão de curso (Geografia), se deve em grande parte por eu (aluno de geografia) pertencer e compor desse movimento, sou integrante. Posso dizer que fui grandemente influenciado pelo hip hop em minha formação enquanto sujeito social morador da cidade de Campinas-SP, cidade na qual nasci e cresci. Entretanto nessa pesquisa pretendo analisar as relações e implicações desse movimento na cidade de Três Lagoas – MS, onde vivo atualmente, no período da graduação. Já se verifica de antemão uma relação escalar deste movimento, suas espacializações em cidades brasileiras, com elementos em comum e com particularidades.



III ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGEO

“A geografia presencial em retomada: diálogos e debates”
09 a 13 de agosto de 2022 – Três Lagoas/MS

Combinado a isso, a relevância cada vez mais evidente das redes sociais tanto na organização do próprio movimento quanto da possibilidade de maior divulgação.

Para fundamentar essa discussão vou utilizar os conceitos geográficos de território e algumas das suas abordagens por meio das relações de poder, redes, nós, as territorialidades desse movimento na cidade de Três Lagoas.

Para embasar tal abordagem faço uso das obras de Silva (2011), Souza (2015) e Haesbaert (2007). O primeiro autor pontua sobre os territórios móveis que são territórios efêmeros que se definem por existirem por apenas algum tempo predeterminado. Mas antes de chegar ao ponto dessa discussão é necessário entender algumas das diversas formas na qual o território é visto e entendido.

A palavra território que se originou no latim tem o significado de pertencer a alguém, segundo Silva (2011) as primeiras conceituações de território eram equivalentes à compreensão de delimitações de um Estado-Nação, por estar diretamente associado ao controle de um Estado ou governo sobre um espaço.

Apesar das relações de poder serem um dos pontos de partida para definição desse conceito, ele se origina de uma corrente clássica de pensadores, como o geógrafo alemão Ratzel que pensava o território como base para tomada de poder, e manutenção e controle.

Entretanto Silva (2011) apresenta as afirmações de Sack (1986) para pontuar sobre a territorialidade e como ela estaria ligada intimamente as relações de poder que nos rodeiam, trazendo uma complexidade que contribuiu grandemente para o conceito de território, que na geografia moderna trata-o de forma mais abrangente, para além da atuação do Estado.

Para Souza (2015) na geografia o conceito está carregado de um uso genérico entendido apenas como uma grande extensão de terra, porém como o próprio autor nos apresenta o conceito, em suas pesquisas, vai além da ideia de território enquanto espaço definido por relações de poder de um Estado Nação, mais passa a considerar as relações sociais de grupos em suas práticas espaciais que definem territórios, grupos que em suas relações também exercem relações de poder, nem sempre impositivas e hierarquizadas. Este autor ainda discorre sobre a associação desse conceito de território com o conceito de lugar, região tendo como base o espaço vivido.

Para fundamentar tal estudo se faz necessário o entendimento do conceito de poder, nos espaços, para que desse modo seja possível compreender as relações que, ao se expressarem/ocuparem espaços produzem territórios e microterritórios cotidianos, como nosso objeto de pesquisa, os grupos de hip hop em Três Lagoas.

Segundo Arendt (1983) *apud* Souza (2015) o poder só pode existir em determinado grupo de pessoas, o poder desaparece quando as pessoas se separam. Ainda na visão da autora o poder é habilidade humana de agir em sinergia com o grupo, sendo assim o poder não está na propriedade de alguém, ele pertence ao grupo e só existe enquanto o grupo estiver junto, assim quando é dito que alguém está no poder é apenas o poder do grupo que está investindo nesse indivíduo.

Com essa afirmação podemos pensar o poder a disposição de grupos insurgentes que estão em movimento, a partir dessa ideia refletimos sobre as relações de poder dentro do movimento hip hop, que é possível se observar na sinergia das batalhas dos “chama”.

Os “chama” assim chamados pelos integrantes do movimento são os gritos de guerra nos quais a plateia incentiva em uma só voz como um jogral os MC’s (mestre de Cerimônia) darem seu máximo na rinha.

Se coloca também a pensar como esse é um “movimento em movimento”, ou seja, em constante expansão, transformação, tendo inclusive o próprio espaço urbano de cada cidade como condição para essas adaptações e mudanças.

O movimento hip hop emergiu quando muitas mazelas sociais se intensificaram no Estados Unidos, envolvendo questões de desigualdades sociais e raciais. Isso se deu na década de 1970 nos guetos da cidade de New York, onde alguns jovens começaram a se expressar através da música da dança e dos grafites em forma de protestos com as opressões de classe e de raça.

No Brasil o movimento hip hop surgiu na década de 1980 diferentemente dos EUA por aqui o movimento se iniciou no centro da cidade de São Paulo, na Estação de Metrô da São Bento, com muita influência do gênero Soul Funk¹, se expandido para a periferia com o surgimento das batalhas, atividades de lazer, para comunidades que são muitas vezes “abandonadas” pelo Estado.

Nesse contexto de fortalecimento do movimento nas periferias de São Paulo, alguns protestos, inúmeros grupos surgiram de forma com que buscassem ter uma voz na qual a muitos é negada, a partir daí a crescente que se estabeleceu não para de avançar, colocando a diversidade acolhedora do movimento como um pilar fundamental para que esse não se acomode com essa expansão contínua, que incomoda os acomodados.

Digo isso a partir do grande espaço que as “minas” (mulheres) tem no rap e vem cada vez mais ganhando. Movimento que é estruturalmente nascido em uma sociedade machista que por muita das vezes reflete esse comportamento, entretanto, as mulheres principalmente negras e periféricas, tem um lugar de fala cada vez maior dentro do hip-hop, isso sem falar nos rappers homossexuais que estão ganhando voz como Rico Dallassan entre outros.

Isso coloca como preceito do movimento insurgente a luta de quebra de tabus e preconceitos como racismo machismo e a homofobia que estão impressos na sociedade e permeiam de forma massiva o espaço, atingindo diretamente os sujeitos sociais, mesmo tendo muitos que estão inseridos dentro do movimento e continuam a refletir essas características preconceituosos, são atingidos por essa cultura de contracultura e quebra de tabu.

De modo geral, as batalhas de MCs são encontros organizados pelos membros da cultura hip hop, em espaços públicos como praças, parques, pista de skate, arredores de escolas ou algum ou ponto de referência específico. Em Três Lagoas a Batalha do Pesadelo ocorre no entorno da biblioteca pública da cidade, onde ocorrem rinhas de MC’s (Mestre de Cerimônia) que se enfrentam

¹ Um gênero musical que se originou em comunidades afro-americanas em meados da década de 1960, quando músicos afro-americanos criaram uma forma de música rítmica e dançante através da mistura de soul, jazz e rhythm and blues.

através do poder de suas palavras fazendo rimas de improviso em cima das batidas, popularmente chamadas de Beat, ou até mesmo o beatbox.

As batalhas ocorrem com um mediador para organizar as chaves e algumas vezes jurados, mas quem decide o vencedor é maioria na plateia que votam para seu MC favorito.

Durante os três *rouds* que podem ocorrer em uma batalha simples de dupla ou até mesmo de trio, pode acontecer em forma de bate e volta que são apenas quatro rimas de cada, ou cronometrando o tempo, normalmente 45 segundos de rima para cada participante. Porém essa não é uma regra absoluta, cada batalha funciona de forma previamente combinada, o tempo e o número de rimas podem ser alterados conforme a necessidade, as chaves da batalha são organizadas na maior parte das vezes ali na hora mesmo, com um esquema parecido com as chaves eliminatórias de futebol, onde os ganhadores passam para próxima fase e os MC's que são derrotados são eliminados.

2) OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS

Abordar e compreender as territorializações do movimento hip hop na cidade de Três Lagoas- MS.

Objetivos específicos

- a) Quais as redes e relações de poder que existem no movimento hip hop de Três Lagoas - MS?
- b) Como territorializam os espaços urbanos, ou sejam, quais as táticas que fazem para que haja apropriações na cidade? Levando também em consideração a existência de submovimentos como graffiti, pixação ou *breaking dance* e batalhas de mcs.

3) METODOLOGIA

A metodologia que será utilizada se fará por meio de pesquisas bibliográficas sobre o movimento hip hop no Brasil.

Combinado a isso faremos entrevistas com integrantes do movimento hip hop de Três Lagoas com o intuito de analisar e entender, a perspectiva dos entrevistados e como esses se relacionam com o espaço no qual integram/e produzem. Junto com as entrevistas faremos a observação participante, uma vez que integramos o grupo.

Os instrumentos metodológicos que serão utilizados e (re) modelados para o desenvolvimento dessa pesquisa são de caráter qualitativo. Pretendemos dar protagonismo aos sujeitos sociais que integram o movimento e sua interferências para as modificações e ressignificações dos espaços.

Como é especificado por Turra Neto (2012) o território enquanto relação de poder projetada no espaço, não aparece impresso de forma concreta na paisagem, sendo fruto da ação e negociação de sujeitos sociais que se



III ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGEO

“A geografia presencial em retomada: diálogos e debates”
09 a 13 de agosto de 2022 – Três Lagoas/MS

manifestam nesse espaço, sendo necessário assim o estudo da espacialidade, para chegar ao território constituído.

Seguindo assim na tentativa de uma ciência dialógica sabendo da não existência da neutralidade no discurso, acredito que devo expressar minha posição crítica entretanto comprometida com ciência, segundo Turra Neto (2012) as características da ciência dialógica no âmbito da metodologia qualitativa busca dialogar com as minhas relações subjetivas individuais, como autor e cheio de subjetividades como indivíduo social, relacionando as com as informações empíricas coletadas de forma concreta a partir do objeto estudado no qual eu como autor me envolvo além de academicamente mas também afetivamente.

Segundo Turra Neto (2012), o estudo de profundidade propriamente dito é focado para casos específicos nos quais não tem a responsabilidade de analisar muitos fenômenos, utilizando sempre do próprio contexto como núcleo central da informação se baseando na experiência do investigador e o diálogo que se estabelece com o sujeito como instrumento central para a produção das informações, enaltecendo a particularidade descritiva no sentido de não perder nenhum detalhe do que é apresentado.

4) RESULTADOS ESPERADOS

Esperamos com o desenvolvimento dessa pesquisa compreender do ponto de vista geográfico o movimento hip hop em Três Lagoas e suas múltiplas relações escalares com o movimento que ocorre em várias cidades brasileiras.

5) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAESBAERT, Rogério. **Território e multiterritorialidade**: um debate. Rio de Janeiro: UFF, 2007.

SANTOS, Daniela Vieira dos. “Sonho Brasileiro”: Emicida e o Novo Lugar Social do Rap. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens Instituto de Artes e Design da UFJF**. v. 7, n. 1 e 2, 2018.

SILVA, Jan Carlos da. O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição. IN: RIBEIRO, Miguel Ângelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva (Orgs.). **Território, sexo e prazer**: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2011.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015

TURRA NETO, Nécio. Pesquisa qualitativa em Geografia. In: XVII Encontro Nacional de Geógrafos, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2012.